

# Capítulo 21 – Betesda e o Sinédrio

Este capítulo é baseado em João 5.

Ora em Jerusalém há, próximo à porta das ovelhas, um tanque, chamado em hebreu Betesda, o qual tem cinco alpendres. Nestes jazia grande multidão de enfermos; cegos, mancos, e parálíticos, esperando o movimento das águas”. João 5:2, 3. Em certo tempo as águas desse tanque eram agitadas, e acreditava-se comumente que isso era o resultado de poder sobrenatural, e que aquele que primeiro descesse a elas depois de haverem sido movidas, ficaria curado de qualquer enfermidade que tivesse. Centenas de sofredores afluíam ao local; tão grande, porém, era a multidão quando a água era agitada, que todos se precipitavam para diante, atropelando homens, mulheres e crianças mais fracos que eles. Muitos não se podiam aproximar do tanque. Muitos dos que conseguiam até ali chegar, morriam à beira dele. Haviam-se construído em torno do mesmo abrigos para proteção dos doentes contra o calor do dia e frio da noite. Alguns havia que passavam a noite nesses alpendres, arrastando-se para a beira do tanque dia a dia, numa vã esperança de cura.

Jesus Se achava de novo em Jerusalém. Sozinho, em aparente meditação ou oração, chegou ao tanque. Viu os míseros sofredores à espreita daquilo que julgavam sua única oportunidade de cura. Ansiou exercer Seu poder restaurador, e curar cada um daqueles enfermos. Mas era sábado. Multidões se dirigiam ao templo para o culto, e Ele sabia que esse ato de cura havia de despertar por tal modo o preconceito dos judeus que Lhe interromperiam a obra.

Mas o Salvador viu um caso de suprema miséria. Tratava-se de um homem que fora parálítico por trinta e oito anos. Sua enfermidade era, em grande parte, resultado de seu próprio pecado, sendo considerada um juízo de Deus. Sozinho e sem amigos, sentindo-se excluído da misericórdia de Deus, o enfermo passara longos anos de miséria. Ao tempo em que se esperava o movimento das águas, os que se compadeciam de seu desamparo o conduziam aos alpendres. No momento propício, porém, ninguém havia que o ajudasse a entrar na água. Vira o movimento das águas, mas nunca lhe fora possível chegar além da beira do tanque. Outros, mais fortes que ele, imergiam primeiro. Não podia competir com a turba egoísta e pronta a apoderar-se da vantagem. Seus persistentes esforços em direção desse único objetivo, bem como a ansiedade e as contínuas decepções nesse sentido, estavam-lhe consumindo rapidamente as restantes energias.

O enfermo jazia em sua esteira, quando, dirigindo casualmente a frente para olhar ao tanque, eis que um terno e compassivo semblante se achava inclinado por sobre ele, e prenderam-lhe a atenção as palavras: “Queres ficar são?” João 5:6. A esperança brotou-lhe no coração. Sentiu que, de qualquer modo, ia ser ajudado. Em breve, porém, desvaneceu-se-lhe o brilho de animação. Lembrou-se de quantas vezes experimentara chegar ao tanque, e tinha agora pouca probabilidade de viver até que a água fosse novamente agitada. Voltou-se fatigado, dizendo: “Senhor, não tenho homem algum que, quando a água é agitada, me meta no tanque; mas, enquanto eu vou, desce outro antes de mim”. João 5:7.

Jesus não pediu a esse sofredor que tivesse fé nEle. Diz simplesmente: “Levanta-te, toma a tua cama, e anda”. João 5:8. A fé do homem, todavia, apodera-se daquelas palavras. Cada nervo e músculo vibra de nova vida, e a energia da saúde enche-lhe os membros paralisados. Sem duvidar, determina-se a obedecer à ordem de Cristo, e todos os músculos obedecem-lhe à vontade. Pondo-se

repentinamente de pé, sente-se um homem no exercício de suas atividades.

Jesus não lhe dera nenhuma certeza de auxílio divino. O homem se podia haver detido a duvidar, perdendo a única oportunidade de cura. Creu, porém, na Palavra de Cristo, e agindo sobre ela, recebeu a força.

Por meio da mesma fé podemos receber cura espiritual. Fomos, pelo pecado, separados da vida de Deus. Temos a alma parálitica. Não somos, por nós mesmos, mais capazes de viver vida santa, do que o era aquele homem de andar. Muitos há que compreendem a própria impotência, e anseiam aquela vida espiritual que os porá em harmonia com Deus; estão vãmente lutando por obtê-la. Em desespero, clamam: “Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo dessa morte!” Romanos 7:24. Que essas pessoas acabrunhadas, lutadoras, olhem para cima. O Salvador inclina-Se sobre a aquisição de Seu sangue, dizendo com inexprimível ternura e piedade: “Queres ficar são?” Pede-vos que vos levanteis com saúde e paz. Não espereis sentir que estais são. Crede-Lhe na Palavra, e será cumprida. Ponde a vontade do lado de Cristo. Desejai servi-Lo e, agindo sobre Sua Palavra, receberéis força. Seja qual for a má prática, a dominante paixão que, devido à longa condescendência, acorrenta alma e corpo, Cristo é capaz de libertar, e anseia fazê-lo. Comunica vida à pessoa morta em ofensas. Efésios 2:1. Porá em liberdade o cativo preso pela fraqueza, o infortúnio e as cadeias do pecado.

O restabelecido parálitico curvou-se para apanhar seu leito, que era apenas uma esteira e um cobertor e, ao endireitar-se novamente com uma sensação de deleite, olhou em volta à procura de seu Libertador; mas Jesus desaparecera entre a multidão. O homem temeu não O reconhecer, se O tornasse a encontrar. Ao ir apressado o seu caminho, com passo firme, desembaraçado, louvando a Deus e regozijando-se no vigor que acabava de obter, encontrou vários dos fariseus, e contou-lhes imediatamente sua cura. Surpreendeu-se da frieza com que lhe ouviam a história.

De sobranceiras carregadas, interromperam-no, perguntando-lhe por que estava conduzindo seu leito no sábado. Lembraram-lhe severamente que não era lícito conduzir fardos no dia do Senhor. Em sua alegria, o homem esquecera-se de que era sábado; todavia não sentiu nenhuma condenação por obedecer ao mandado de uma Pessoa que tinha poder de Deus. Respondeu ousadamente: “Aquele que me curou, Ele próprio disse: Toma a tua cama, e anda”. João 5:11. Perguntaram quem havia feito isso, mas o homem não lhes sabia dizer. Esses principais bem sabiam que unicamente Um Se mostrara capaz de realizar esse milagre; mas queriam prova direta de que era Jesus, a fim de O poderem condenar como violador do sábado. Em seu juízo, não somente havia quebrado a lei em curar o enfermo no sábado, mas cometera sacrilégio em lhe mandar que levasse a cama.

Por tal forma haviam os judeus pervertido a lei, que a tornavam um jugo de servidão. Suas exigências destituídas de significado eram um provérbio entre as outras nações. Especialmente havia o sábado sido cercado de toda espécie de restrições destituídas de senso. Não lhes era um deleite o santo dia do Senhor, digno de honra. Os escribas e fariseus lhe tinham tornado a observância intolerável fardo. Ao judeu não era permitido acender fogo, nem mesmo uma vela no sábado. Conseqüentemente, o povo dependia dos gentios quanto a muitos serviços que seus regulamentos proibiam que fizessem para si mesmos. Não refletiam que, se essas ações eram pecaminosas, os que empregavam outros para as praticar eram tão culpados como se as houvessem praticado eles próprios. Julgavam que a salvação se restringia aos judeus, e sendo a condição dos outros já desesperada, não se poderia tornar pior. Mas Deus não deu mandamentos que não possam

ser obedecidos por todos. Suas leis não sancionam quaisquer restrições irrazoáveis ou egoístas.

Jesus encontrou no templo o homem que fora curado. Este viera trazer uma oferta pelo pecado, e também uma de ações de graças pela grande bênção recebida. Encontrando-o entre os adoradores, Jesus deu-Se a conhecer, com a advertência: “Eis que já estás são; não peques mais, para que não te aconteça alguma coisa pior”. João 5:14.

O enfermo restaurado regozijou-se extremamente por encontrar seu Libertador. Ignorando a inimizade que existia contra Jesus, disse aos fariseus que o haviam interrogado, que era este O que o curara. “Por esta causa os judeus perseguiram a Jesus, e procuravam matá-Lo porque fazia estas coisas no sábado”. João 5:16.

Jesus foi levado perante o Sinédrio para responder à acusação de violador do sábado. Houvessem os judeus sido a esse tempo uma nação independente, e tal acusação lhes teria servido ao desígnio de O condenar à morte. Sua sujeição aos romanos impediu isso. Os judeus não tinham poder para infligir pena de morte, e as acusações apresentadas contra Cristo não tinham peso num tribunal romano. Outros objetivos existiam, entretanto, que esperavam conseguir. Não obstante seus esforços para anular-Lhe a obra, Cristo estava adquirindo, mesmo em Jerusalém, influência superior à deles próprios. Multidões que se não interessavam nas arengas dos rabis, eram atraídas por Seus ensinamentos. Podiam-Lhe compreender as palavras, e seu coração era aquecido e confortado. Ele falava de Deus, não como de vingativo juiz, mas de um terno pai, e revelar Sua imagem como refletida num espelho. Suas palavras eram como bálsamo para o espírito magoado. Tanto pelas palavras como pelas obras de misericórdia, estava Ele derribando o opressivo poder das velhas tradições e mandamentos de homens, e apresentando o amor de Deus em sua inesgotável plenitude.

Numa das primeiras profecias concernentes a Cristo, está escrito: “O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló; e a Ele se congregarão os povos”. Gênesis 49:10. O povo se estava congregando a Cristo. Os corações simpatizantes da multidão aceitavam lições de amor e beneficência, ao invés das rígidas cerimônias exigidas pelos sacerdotes. Não se houvessem sacerdotes e rabis interposto, e Seus ensinamentos teriam operado uma reforma tal como nunca foi testemunhada pelo mundo. A fim de conservar o poder, no entanto, determinaram esses guias derribar a influência de Jesus. Sua citação perante o Sinédrio, e uma aberta condenação de Seus ensinamentos, contribuiriam para a efetuação desse desígnio; pois o povo nutria ainda grande reverência por seus guias religiosos. Quem quer que ousasse condenar as exigências dos rabinos, ou tentasse aliviar os fardos postos por eles sobre o povo, era considerado culpado, não somente de blasfêmia, mas de traição. Nisso baseavam os rabis sua esperança de despertar suspeitas contra Cristo. Representavam-no como procurando subverter os costumes estabelecidos, causando assim divisão entre o povo, e preparando o caminho para a completa subjugação dos romanos.

Mas os planos cuja execução esses rabis estavam elaborando tão zelosamente, originaram-se em outro conselho, que não o do Sinédrio. Depois de haver fracassado em seu desígnio de vencer a Cristo no deserto, arregimentara Satanás suas forças para se Lhe opor ao ministério, obstando, se possível Sua obra. Aquilo que não conseguira realizar por esforço pessoal, direto, decidira efetuar por meio de estratégia. Tão depressa se retirara do conflito no deserto, em concílio com os anjos seus confederados amadureceu os planos para cegar ainda mais o espírito do povo judeu, a fim de não reconhecerem seu Redentor. Planejou operar por meio de seus agentes humanos do mundo religioso, imbuindo-os de sua própria inimizade contra o Campeão da verdade. Levá-los-ia a rejeitar

a Cristo e a tornar-Lhe a vida o mais amarga possível, esperando desanimá-Lo em Sua missão. E os guias de Israel tornaram-se os instrumentos de Satanás em combater o Salvador.

Jesus viera para engrandecer a lei, e a tornar gloriosa. Isaías 42:21. Não haveria de Lhe diminuir a dignidade, mas exaltá-la. Diz a Escritura: “Não desfalecerá, nem Se apressará, até que estabeleça na Terra o juízo”. Isaías 42:4. Ele viera para libertar o sábadu daquelas enfadonhas exigências que o haviam tornado uma maldição em vez de bênção.

Por isso escolhera o sábadu para nele realizar a cura de Betesda. Poderia haver curado o enfermo igualmente em qualquer outro dia da semana; ou simplesmente tê-lo curado, sem Lhe dizer que levasse a cama. Isto, porém, não Lhe teria proporcionado a oportunidade que desejava. Um sábio desígnio guiava todos os atos de Cristo na Terra. Tudo quanto fazia era em si mesmo importante, bem como na lição que comunicava. Escolheu, entre os sofredores que se achavam junto ao tanque, o pior caso, para aí exercer Seu poder de cura, e pediu ao homem que levasse a cama através da cidade, a fim de publicar a grande obra de que fora objeto. Isso daria lugar à questão do que era ou não era lícito fazer no sábadu, e abriria o caminho para Ele condenar as restrições dos judeus quanto ao dia do Senhor, declarando vãs suas tradições.

Jesus lhes afirmou que a obra de aliviar os aflitos estava em harmonia com a lei do sábadu. Estava em harmonia com os anjos de Deus que estão sempre descendo e subindo entre o Céu e a Terra para servir à humanidade sofredora. Jesus declarou: “Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também”. João 5:17. Todos os dias são de Deus, para neles se executar Seus planos para com a raça humana. Fosse a interpretação dos judeus razoável, então o Senhor estaria em falta, visto ser Seu trabalho que vivifica e mantém toda criatura vivente desde que lançou os fundamentos da Terra; então Aquele que declarou boa a sua obra, e instituiu o sábadu para comemorar-Lhe o acabamento, deveria acabar com Seu labor e deter a incessante rotina do Universo.

Deveria Deus impedir o Sol de cumprir sua missão no sábadu, obstar seus fecundos raios de aquecer a Terra e nutrir a vegetação? Deveriam os sistemas planetários quedar imóveis durante aquele santo dia? Ordenaria às fontes que se abstivessem de regar os campos e as florestas, mandaria às ondas do mar que detivessem seu incessante fluir e refluir? Deveriam o trigo e o milho deixar de crescer, e o maturante cacho adiar seu belo colorido? Não hão de as árvores florescer, nem desabrochar as flores no sábadu?

Fora assim, e deixariam os homens de ter os frutos da terra, e as bênçãos que tornam desejável a vida. A natureza deve continuar seu invariável curso. Deus não poderia por um momento deter Sua mão, do contrário o homem desfaleceria e viria a morrer. E o homem também tem nesse dia uma obra a realizar. Devem-se atender às necessidades da vida, cuidar dos doentes, suprir as faltas dos necessitados. Não será tido por inocente o que negligenciar aliviar o sofrimento no sábadu. O santo dia de repouso de Deus foi feito para o homem, e os atos de misericórdia se acham em perfeita harmonia com seu desígnio. Deus não deseja que Suas criaturas sofram uma hora de dor que possa ser aliviada no sábadu, ou noutro dia qualquer.

As solicitações para com Deus são ainda maiores no sábadu do que nos outros dias. Seu povo deixa então a ocupação ordinária, e passa mais tempo em meditação e culto. Pedem-Lhe mais favores no sábadu, que noutros dias. Exigem-Lhe a atenção de modo especial. Anelam Suas mais preciosas bênçãos. Deus não espera que o sábadu passe para lhes conceder esses pedidos. A obra no Céu não

cessa nunca, e o homem não deve descansar de fazer o bem. O sábado não se destina a ser um período de inútil inatividade. A lei proíbe trabalho secular no dia de repouso do Senhor; o labor que constitui o ganha-pão, deve cessar; nenhum trabalho que vise prazer ou proveito mundanos, é lícito nesse dia; mas como Deus cessou Seu labor de criar e repousou ao sábado, e o abençoou, assim deve o homem deixar as ocupações da vida diária, e devotar essas sagradas horas a um saudável repouso, ao culto e a boas obras. O ato de Cristo em curar o enfermo estava de perfeito acordo com a lei. Era uma obra que honrava o sábado.

Jesus afirmou ter direitos iguais aos de Deus, ao fazer uma obra da mesma maneira sagrada, e do mesmo caráter daquela em que Se empenhava o Pai no Céu. Mas os fariseus ficaram ainda mais exasperados. Ele não somente quebrantara a lei, segundo seu modo de ver, mas dizendo que “Deus era Seu próprio Pai”, declarara ser igual a Deus.

Toda a nação judaica chamava a Deus seu Pai, de maneira que se não deveriam ter assim enfurecido se Cristo Se colocara na mesma relação para com Ele. Mas acusaram-no de blasfêmia, mostrando que compreendiam fazer Ele essa reivindicação no mais alto sentido.

Esses adversários de Cristo não tinham argumentos com que enfrentar as verdades que lhes fazia penetrar na consciência. Não podiam senão citar seus costumes e tradições, e estes pareciam fracos e nulos quando comparados com os argumentos que Jesus tirava da Palavra de Deus e da vida natural! Houvessem os rabis experimentado qualquer desejo de receber a luz, e se teriam convencido de que Cristo dizia a verdade. Evitavam, porém, os pontos que apresentavam com referência ao sábado, e procuraram incitar ódio contra Ele, por declarar ser igual a Deus. A fúria dos líderes não conhecia limites. Não houvessem temido o povo, e os sacerdotes e rabis teriam matado a Jesus ali mesmo. Mas o sentimento popular em Seu favor era forte. Muitos reconheciam em Cristo o amigo que lhes curara as moléstias e confortara as dores, e justificavam-no em curar o doente de Betesda. De modo que os guias se viram obrigados, de momento, a restringir seu ódio.

Jesus repeliu a acusação de blasfêmia. Minha autoridade, disse, para fazer a obra de que Me acusais, é o ser Eu o Filho de Deus, um com Ele em natureza, em vontade e em desígnio. Em todas as Suas obras de criação e providência, Eu coopero com Deus. O “Filho por Si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai.” Os sacerdotes e rabis estavam repreendendo o Filho de Deus pela própria obra para cuja realização fora enviado ao mundo. Por seus pecados, haviam-se separado de Deus e estavam, em seu orgulho, agindo independentemente dEle. Sentiam-se suficientes para tudo, e não percebiam a necessidade de mais alta sabedoria para lhes dirigir os atos. Mas o Filho de Deus era submisso à vontade de Seu Pai, e dependente de Seu poder. **Tão plenamente vazio do próprio eu era Jesus, que não elaborava planos para Si mesmo. Aceitava os que Deus fazia a Seu respeito, e o Pai os desdobrava dia a dia. Assim devemos nós confiar em Deus, para que nossa vida seja uma simples operação de Sua vontade.**

Quando Moisés estava para construir o santuário como lugar de habitação de Deus, recebeu instruções para fazer tudo segundo o modelo que lhe fora mostrado no monte. Moisés era todo zeloso para fazer a obra de Deus; os homens mais talentosos e hábeis lhe estavam ao lado para realizar suas sugestões. No entanto, não devia fazer uma campainha, uma romã, uma borla, uma franja, uma cortina ou qualquer vaso do santuário, que não fosse segundo o modelo mostrado. Deus o chamara ao monte e lhe revelara as coisas celestiais. O Senhor o cobrira com Sua glória, a fim de que pudesse ver o modelo, e segundo ele foram feitas todas as coisas. Assim a Israel, a quem

desejava tornar Seu lugar de habitação, revelara Seu glorioso ideal de caráter. O modelo lhes fora mostrado no monte, quando a lei havia sido dada no Sinai, e o Senhor passara perante Moisés, proclamando: “Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade, e a transgressão e o pecado”. Êxodo 34:6, 7.

Israel preferira seus próprios caminhos. Não haviam edificado segundo o modelo; mas Cristo, o verdadeiro templo para habitação de Deus, moldara cada detalhe de Sua vida terrestre em harmonia com o ideal divino. Disse Ele: “Deleito-Me em fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; sim, a Tua lei está dentro do Meu coração”. Salmos 40:8. Assim nosso caráter deve ser formado para “morada de Deus em Espírito”. Efésios 2:22. E cumpre-nos fazer “tudo conforme o modelo”, isto é, Aquele que “padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as Suas pisadas”. 1 Pedro 2:21.

As palavras de Cristo nos ensinam que nos devemos considerar inseparavelmente ligados a nosso Pai celestial. Seja qual for nossa posição, dependemos de Deus, que enfeixa em Suas mãos todos os destinos. Ele nos designou nossa obra, e nos dotou de faculdades e meios para ela. Enquanto submetermos a vontade à Sua, e confiarmos em Sua força e sabedoria, seremos guiados por caminhos seguros, para realizar a parte que nos cabe em Seu grande plano. Aquele, porém, que confia em sua própria sabedoria e poder, se está separando de Deus. Em vez de trabalhar em harmonia com Cristo, cumpre o desígnio do inimigo de Deus e dos homens.

O Salvador continuou: “Tudo quanto Ele faz, o Filho o faz igualmente. [...] Assim como o Pai ressuscita os mortos, e os vivifica, assim também o Filho vivifica aqueles que quer”. João 5:19, 21. Os saduceus afirmavam que não havia ressurreição do corpo; mas Jesus lhes diz que uma das maiores obras de Seu Pai é ressuscitar os mortos, e que Ele próprio possui poder de fazer a mesma obra. “Vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão”. João 5:25. Os fariseus acreditavam na ressurreição dos mortos. Cristo declara que mesmo agora o poder que dá vida aos mortos se encontra entre eles, e eles hão de testemunhar-lhe a manifestação. É esse mesmo poder de ressuscitar que dá vida à pessoa morta “em ofensas e pecados”. Efésios 2:1. Esse espírito de vida em Cristo Jesus, a “virtude da Sua ressurreição” (Filipenses 3:10), liberta os homens “da lei do pecado e da morte”. Romanos 8:2. O domínio do mal é despedaçado e, pela fé, a mente é guardada do pecado. Aquele que abre o coração ao Espírito de Cristo, torna-se participante daquele grande poder que lhe fará o corpo ressurgir do sepulcro.

O humilde Nazareno afirma Sua real nobreza. Ergue-se acima da humanidade, atira de Si o disfarce do pecado e da injúria, e revela-Se — o Honrado dos anjos, o Filho de Deus, Um com o Criador do Universo. Seus ouvintes ficam fascinados. Homem algum já falou palavras como as Suas, nem se portou com tão régia majestade. Seus discursos são claros e positivos, declarando plenamente Sua missão, e o dever do mundo: “O Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo; para que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que O enviou. [...] Porque, como o Pai tem a vida em Si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em Si mesmo. E deu-Lhe o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do homem”. João 5:22-27.

Os sacerdotes e principais haviam-se arvorado em juízes, para condenar a obra de Cristo, mas Ele Se declarou juiz deles próprios, e de toda a Terra. O mundo foi confiado a Cristo, e por Seu intermédio tem vindo toda bênção de Deus à raça caída. Era o Redentor, tanto antes como depois da encarnação. Assim que existiu o pecado; houve um Salvador. Ele tem dado luz e vida a todos, e em

harmonia com a medida da luz concedida, será cada um julgado. E aquele que tem comunicado a luz, que tem acompanhado a alma com as mais ternas súplicas, buscando atraí-la do pecado para a santidade, é ao mesmo tempo seu Advogado e Juiz. Desde o início do grande conflito no Céu, Satanás tem mantido sua causa por meio de engano; e Cristo tem trabalhado no sentido de lhe revelar as tramas, e derribar-lhe o poder. É Aquele que Se tem oposto ao enganador e, no decorrer de todos os séculos, Se tem empenhado por arrebatá-lo os cativos de seu poder, que julgará cada pessoa.

E Deus “deu-Lhe poder de exercer o juízo, porque é o Filho do homem”. Como Ele tenha provado as próprias fezes do cálice da aflição e tentação humanas, e compreenda as fragilidades e pecados dos homens; como tenha, em nosso favor, resistido vitoriosamente às tentações de Satanás, e lidará justa e ternamente com as pessoas para cuja salvação derramou o próprio sangue — o Filho do homem é indicado para exercer o juízo.

A missão de Cristo, porém, não era julgar, mas salvar. “Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele”. João 3:17. E perante o Sinédrio Jesus declarou: “Quem ouve a Minha Palavra, e crê nAquele que Me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida”. João 5:24.

Pedindo a Seus ouvintes que não se maravilhassem, Cristo desenrolou diante deles, em visão ainda mais ampla, o mistério do futuro: “Vem a hora”, disse, “em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a Sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação”. João 5:28, 29.

Essa certeza da vida futura era a que Israel há tanto aguardara, e esperava receber por ocasião do advento do Messias. Sobre eles estava a resplandecer a única luz que pode iluminar as sombras da sepultura. A obstinação, porém, é cega. Jesus violara as tradições dos judeus, e desprezara-lhes a autoridade, e eles não queriam crer.

O tempo, o local, a ocasião, a intensidade dos sentimentos que animavam a assembléia, tudo se combinou para tornar mais impressivas as palavras de Jesus perante o Sinédrio. As mais altas autoridades religiosas da nação estavam procurando tirar a vida Àquele que Se declarava o restaurador de Israel. O Senhor do sábado era citado perante um tribunal terrestre, para responder à acusação de quebrantar a lei sabática. Ao declarar Ele tão intrepidamente Sua missão, Seus juízes contemplaram-nO espantados e enfurecidos; Suas palavras, todavia, eram irrespondíveis. Não O podiam condenar. Recusava aos sacerdotes e rabis o direito de interrogar acerca de Sua obra, ou nela interferir. Não estavam revestidos dessa autoridade. Suas pretensões baseavam-se no próprio orgulho e arrogância. Ele Se recusava a reconhecer-Se culpado de suas acusações, ou ser catequizado por ele.

Em lugar de Se desculpar do ato de que se queixavam, ou explicar o próprio desígnio em assim fazer, Jesus Se voltou contra os líderes, e o acusado tornou-Se acusador. Repreendeu-os pela sua dureza de coração e ignorância das Escrituras. Declarou que tinham rejeitado a Palavra de Deus, da mesma maneira que o haviam feito Àquele a quem Deus enviara. “Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de Mim testificam”. João 5:39.

Em toda página, seja história, preceito ou profecia, irradia nas Escrituras do Antigo Testamento a glória do Filho de Deus. Em tudo quanto encerrava de instituição divina, todo o judaísmo era uma

encadeada profecia do evangelho. De Cristo “dão testemunho todos os profetas”. Atos dos Apóstolos 10:43. Desde a promessa feita a Adão, descendo pela linha patriarcal e a dispensação legal, a gloriosa luz celeste tornou claras as pegadas do Redentor. Os viventes contemplaram a Estrela de Belém, o Siló por vir, ao passarem diante deles, em misteriosa procissão, os acontecimentos futuros. Em cada sacrifício, mostrava-se a morte de Cristo. Em cada nuvem de incenso, ascendia Sua justiça. Seu nome ressoava com cada trombeta de jubileu. No tremendo mistério do santo dos santos habitava Sua glória.

Os judeus estavam de posse das Escrituras, e supunham que, no mero conhecimento que delas possuíam, tinham a vida eterna. Jesus, porém, disse: “A Sua Palavra não permanece em vós”. João 5:38. Havendo rejeitado a Cristo em Sua Palavra, rejeitaram-nO em pessoa. “Não quereis vir a Mim”, disse Ele, “para terdes vida”. João 5:40.

Os guias judaicos tinham estudado os ensinamentos dos profetas a respeito do reino do Messias; haviam-no feito, porém, não com o sincero desejo de conhecer a verdade, mas com o desígnio de encontrar provas para apoiar suas ambiciosas esperanças. Vindo Cristo de maneira contrária a sua expectativa, não O quiseram receber; e para se justificarem, procuravam demonstrar que era enganador. Uma vez postos os pés nesse caminho, fácil era a Satanás fortalecer-lhes a oposição a Cristo. As próprias palavras que deveriam ter sido recebidas como testemunho de Sua divindade, foram contra Ele interpretadas. Assim tornaram a verdade de Deus em mentira, e quanto mais diretamente lhes falava o Salvador em Suas obras de misericórdia, tanto mais decididos ficavam para resistir à luz.

Jesus disse: “Eu não recebo glória dos homens”. João 5:41. Não era a influência do Sinédrio, não era sua sanção que Ele desejava. Não podia receber honra alguma da aprovação deles. Achava-Se revestido de honra e autoridade do Céu. Houvesse-a Ele desejado, e anjos Lhe teriam vindo render homenagem; o Pai teria outra vez testificado de Sua divindade. Mas, por amor deles próprios, por amor da nação que representavam, desejava que os guias judaicos Lhe distinguissem o caráter, e recebessem as bênçãos que lhes viera trazer.

“Eu vim em nome de Meu Pai, e não Me aceitais; se outro vier em seu próprio nome, a esse aceitareis”. João 5:43. Jesus veio pela autoridade de Deus, apresentando-Lhe a imagem, cumprindo Sua Palavra e buscando-Lhe a glória; todavia, não foi aceito pelos guias de Israel; mas quando outros viessem, assumindo o caráter de Cristo, embora movidos por sua própria vontade e buscando a própria glória, estes seriam recebidos. E por quê? — Porque o que busca a própria glória, fala ao desejo de exaltação própria nos outros. A tais estímulos, corresponderiam os judeus. Receberiam o falso mestre, porque lhes lisonjearia o orgulho pela sanção de suas acariciadas opiniões e tradições. Os ensinamentos de Cristo, porém, não tinham afinidades com suas idéias. Eram espirituais e exigiam o sacrifício do eu; não O receberiam, portanto. Não estavam relacionados com Deus, e Sua voz, por intermédio de Cristo, era para eles a de um estranho.

Não se repete o mesmo em nossos dias? Não há muitos, mesmo guias religiosos, que estão endurecendo o coração contra o Espírito Santo, tornando impossível a si mesmos o reconhecer a voz de Deus? Não estão rejeitando a Palavra de Deus, a fim de conservar as próprias tradições?

“Se vós crêdes em Moisés”, disse Jesus, “creríeis em Mim; porque de Mim escreveu ele. Mas, se não credes nos seus escritos, como creereis nas Minhas palavras?” João 5:46. Fora Cristo que falara a Israel por meio de Moisés. Houvessem eles ouvido a voz divina que falara por intermédio de seu

grande guia, e a teriam reconhecido nos ensinamentos de Cristo. Houvessem crido em Moisés, e teriam acreditado naquele de quem ele escrevera.

Jesus sabia que os sacerdotes e rabis estavam decididos a tirar-Lhe a vida; todavia, expôs-lhes claramente Sua unidade com o Pai, e Sua relação para com o Mundo. Viram que a oposição que Lhe moviam não tinha desculpa; todavia, seu ódio assassino não se extinguiu. Deles se apoderou o temor ao testemunhar o convincente poder que Lhe acompanhava o ministério, mas resistiram a Seus apelos, encerrando-se em trevas.

Fracassaram assinaladamente em derribar a autoridade de Jesus ou dEle alienar o respeito e a atenção do povo, do qual muitos ficaram convencidos por Suas palavras. Os próprios líderes se haviam sentido sob profunda condenação ao apresentar-lhes à consciência sua culpa; todavia, isso apenas os instigou mais amargamente contra Ele. Estavam decididos a tirar-Lhe a vida. Enviaram por todo o país mensageiros a advertir o povo contra Jesus, como impostor. Mandaram-se espias para O observar e relatar o que dizia ou fazia. O precioso Salvador achava-Se agora, sem dúvida nenhuma, sob a sombra da cruz.